

UMA MULHER NÃO, TODAS SIM!

Frei Rovílio Costa

Essa não! Luiz Osvaldo Leite, a 26-10-2007 (ZH, p. 21), escreveu – *Zilah acreditou* – referindo ao dia 30 de outubro, quando a professora e educadora católica Zilah Mattos Totta completaria 90 anos. Conheci-a na feira do livro de Porto Alegre, em 1957. Ela com 40 anos, eu com 23. Ela, projetando avanços em educação, e eu me preparando para o sacerdócio, já com votos de pobreza, obediência e castidade. Encantou-me o pensar da professora, católica convicta, apostando no educador católico, independente de instituição. Ao ingressar na UFRGS (1972) me deparei com o pensamento de Jean Duclerc, que propunha as Equipes Docentes Cristãs, porque quem evangeliza é o educador cristão, não a escola cristã. Eu, então, definia meu ato de fé na Igreja, destinando-me à vida capuchinha. Pobreza não era problema por ser de família pobre. Obediência é uma maneira de compartilhar a própria responsabilidade com o diretor, provincial, geral. Castidade demanda a destinação da própria existência, ou à família, ou à vida religiosa. Meu diretor, Frei Basílio de Breganze, italiano, dizia: a castidade não é contra o mundo afetivo, nem contra as mulheres, no meu caso; para uma religiosa, não seria contra os homens, mas situa-se na linha da pobreza e da generosidade. Pobreza, no sentido de não se apropriar de quem quer que seja, e a conseqüente generosidade, no sentido de não se apropriar de uma mulher, deixando a todas livres, para dedicar o próprio amor a todas indistintamente. E para mim isto veio de luva como algo ligado à minha mãe, dedicada aos outros, sobretudo doentes, que desencadeou em mim a vocação sacerdotal. E Frei Basílio dizia que para amar todas as mulheres em Cristo, sem apropriação de nenhuma, é vê-las como se vê a própria mãe e irmãs. E isto eu vivo até o presente.

Quando, ainda estudante, cumprimentei Professora Zilah, me vi ante um expoente de cultura e fé, vi a lídima figura de minha mãe, depois a soube ligada a Frei Pacífico de Bellevaux e seu discípulo Armando Câmara, filósofos da cidade, e, seguindo sua esteira, as irmãs Leônidas Fávero e Jane Toigo, que fizeram seu ato de fé na vida religiosa e na educação.

Vivemos a mediação em todos os campos, inclusive no espiritual. Pessoas de Deus nos levam a Deus. E Zilah foi a mensageira de Deus na vida de milhares de jovens aos quais descortinou esteiras de luz e fé. Obrigado, Osvaldo, por esta feliz lembrança!